

**MARIA ALICE BARROSO: UMA AUTORA FLUMINENSE  
E O DESTAQUE PARA PERSONAGENS FEMININAS EM TRÊS  
ROMANCES DO “CICLO PARADA DE DEUS”**

*Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt* (UNIFESJ e UENF)

[dr.analucialima@gmail.com](mailto:dr.analucialima@gmail.com)

*Gabriella de Mello Fíngolo* (UNIFESJ)

[gabriella.mfingolo@gmail.com](mailto:gabriella.mfingolo@gmail.com)

*Sarah Maria Augusta Teixeira* (UNIFESJ)

[sarahmateixeira@hotmail.com](mailto:sarahmateixeira@hotmail.com)

*Sarah Ramos de Souza* (UNIFESJ)

[soysarahh@gmail.com](mailto:soysarahh@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho de pesquisa objetiva mostrar muito além dos perfis femininos da obra de uma autora feminina, ele acaba por destacar os modelos femininos do tempo da escrita da autora, também mulher, num universo dominado por homens. Essa pesquisa procura voltar os olhos para autoras como Maria Alice Barroso, que discute através de suas narrativas, a liberdade que o seu próprio lugar de fala como mulher-escritora a coloca. Escritora miracemense, que inaugura seu lugar na literatura brasileira com o romance “Os Possseiros”, escrito em 1955, Maria Alice Barroso, se vale de sua experiência com o universo interiorano para criar o “Ciclo Parada de Deus”, iniciado pelo romance “Um nome para matar”, publicado em 1967. No ciclo transitam personagens de muito poder, como os políticos-coronéis do interior fluminense. Esta pesquisa procurará dar destaque às personagens femininas desse universo tipicamente masculino e sob o olhar atento e perspicaz da autora fluminense ganham vez e voz nas narrativas regionalistas do ciclo. Para estudar profundamente estes papéis nos valores dos teóricos Schmidt (2019), Wanderley (2011).

**Palavras-chave:**

Autoria feminina. Personagens femininas. Maria Alice Barroso.

**ABSTRACT**

This research work aims to show far beyond the female profiles of the work of a female author, it ends up highlighting the female models of the author's writing time, also a woman, in a universe dominated by men. This research seeks to turn its eyes to authors such as Maria Alice Barroso, who discuss through her narratives the freedom that her own place of speech as a woman-writer puts her. Maria Alice Barroso, writer from Miracema, who inaugurates her place in Brazilian literature with the novel “Os Possseiros”, written in 1955, uses her experience with the countryside to create the “Ciclo Parada de Deus”, initiated by the novel “Um nome para matar”, published in 1967. Characters of great power, such as politicians-colonels from the interior of Rio de Janeiro, transited in the cycle. This research will seek to highlight the female characters in this typically male universe and, under the attentive and insightful eye of the author from Rio de Janeiro, they gain time and voice in the cycle's regionalist

narratives. To study these roles in depth, we will use the theorists Schmidt (2019), Wanderley (2011).

**Keywords:**

**Female authorship. Female characters. Maria Alice Barroso.**

**1. Introdução:**

*“Ser leitora para a mulher já é grande ousadia. Tornar-se escritora é um agravo. E malgrado os riscos e o desconforto social, as mulheres tem resistido bravamente.” (Helena Ortiz)*

A produção literária da escritora fluminense Maria Alice Barroso começa em 1955 com a publicação do livro “Os Posseiros”, custeado pela escritora iniciante e que trata de um assunto bastante caro no momento de sua publicação: a luta pela terra e as questões de reforma agrária, o que levaria o seu livro para a Rússia, via Jorge Amado, onde ganharia uma tiragem de 600 mil exemplares com o título de “No vale da Serra Alta”.

O primeiro livro de que trata esta pesquisa foi publicado por Maria Alice Barroso em 1967 e ganhou o hoje extinto prêmio Walmap numa banca composta por Jorge Amado, Antônio Olinto e Guimarães Rosa. Estamos falando de “Um nome para matar”, livro que inaugura o chamado “Ciclo Parada de Deus” porque tem como chão ficcional a pequena cidade de Parada de Deus “na divisa com Várzea da Palma, em Minas Gerais e Santo Antônio do Pomba, no Noroeste do Estado do Rio de Janeiro”.

O segundo livro de que trata essa pesquisa é “O globo da morte: Divino das Flores”, publicado em 1981. Este livro desloca a ação do município de Parada de Deus para um de seus distritos: Divino das Flores e nos apresenta os rivais políticos dos Moura Alves, a família principal de Parada de Deus, apresentada aos leitores no primeiro livro do ciclo.

O último livro de que trata este artigo também é o último livro do Ciclo Parada de Deus e recebeu o nome da “A morte do presidente” ou “A amiga de mamãe” e foi publicado em 1994. Este livro, de título duplo, refere-se ao dia da morte do presidente Getúlio Vargas, mesmo dia escolhido por Maria Alice Barroso para terminar a vida do autoritário chefe político de Parada de Deus, Oceano de Moura Alves e a segunda parte do título faz referência à amiga de mamãe, que nesse caso é a per-

sonagem Leda de Freitas, uma carioca que faz amizade com Lygia Procópio Monteiro, uma mulher de Parada de Deus que não gostava da cidade pequena, queria viver na capital e se envolver na política.

Todos esses livros, publicados pela Record num período político turbulento, marca uma retração da ficção masculina e aumento de participação feminina. Essa oferta editorial vinha atender às aspirações de um público de mulheres satisfeitas por se verem reproduzidas e analisadas até o esgotamento em personagens construídas por representantes de seu próprio gênero.

De acordo com Wanderley (2011), em seu livro, no qual cataloga as escritoras brasileiras de 1964 até 2010,

Inúmeras foram as que despontaram, naquele período, no mercado editorial brasileiro. Um fenômeno que tem, em seus bastidores, todos os ensaios de revolução e transformação mencionados, além da revolução sexual, ainda não enfatizada, mas que já se prenunciava radical. Um *laissez faire, laissez passer* sexual que abalou o edifício patriarcal secularmente alicerçado, propondo novos padrões para as relações entre os sexos, emolduradas por um estado de compromisso político na defesa da supressão da sociedade de classes pregado pelo marxismo, então em alta. (WANDERLEY, 2011, p. 24)

O universo trazido por Maria Alice Barroso em seu ciclo regionalista é povoado por mulheres de diferentes comportamentos e visões da vida e vão desde donas de casa recatadas a mulheres à frente do seu tempo passando pela vida das prostitutas e esposas de coronéis. A própria autora, por entrar nesse universo regionalista, inspirada pelas histórias de sua cidade natal, sofreu perseguições pelas coincidências de alguns fatos narrados com as histórias de coronéis e capitães de “Parada de Deus”.

## **2. Iniciando o “Ciclo Parada de Deus”: Um nome para matar**

O romance *Um nome para matar* (1967) traz a história do povoado de Parada de Deus, uma pequena cidade situada no Noroeste Fluminense com seus políticos como verdadeiros coronéis que submetem a população ao regime de obediência e o voto de cabresto.

Como assinala Nélida Piñon apud Schmidt (2019):

Sua imaginação audaz, de pulso firme, filiou-se à linhagem daqueles autores que, inconformados com as cidades vazias de conteúdo mítico e do sentido da aventura, decidiram inventar um feudo próprio, com designação autônoma, para melhor abrigar, entre suas paredes problemáticas e insondáveis, o carisma e as patologias de suas criaturas inventadas. (SCH-

No romance “Um nome para matar”, teremos um destaque para a figura do capitão Oceano de Moura Alves, que é assim descrito por Schmidt (2019):

Nas cercas de 550 páginas de narrativa podemos conhecer mais profundamente a figura emblemática de Oceano, cujo nome tão bem escolhido, nos demonstra que sempre é impossível conhecê-lo em sua totalidade (referindo-se nesta feita tanto ao mar quanto ao personagem), seu amor ciumento por Maria Corina e os desdobramentos que deste casamento surgirão. (SCHMIDT, 2019, p. 40)

Nesse universo dominado pela família Moura Alves, a fundadora da cidade, destacam-se papéis femininos muito singulares que passaremos agora, mais detidamente, analisar.

### **2.1. Maria Corina:**

Personagem feminina central da trama, uma alma leve e personalidade divertida que conquista a todos causando estranheza em uma sociedade patriarcal e machista de Parada de Deus dos anos de 1930.

Segundo Maria Alice Barroso (1981):

D. Maria Corina tava de vestido de tafetá vermelho, com um decote muito grande e os braços de fora, uns braços muito roliços e amorenados, e não havia homem ali na sala que não estivesse olhando com maldade pra mulher do capitão. (BARROSO, 1981, p. 63)

Maria Corina nos é apresentada como desde sempre controlada e vigiada pelo pai, sempre com a companhia da babá Carmosina. Seu romance com Oceano, que se torna figura política principal da cidade devido a sua descendência dos Moura Alves, se inicia de forma rebelde e apaixonada entre os jovens.

Uma forte característica da personagem é a de não dar ouvidos a que os demais pensam a respeito de seu comportamento, vivendo de forma espontânea sem se preocupar com as fofocas ao seu redor. Esse traço nos é apresentado logo no começo do livro por sua babá (p. 19): “Mas Maria Corina nunca ligou pros meus conselhos, ela sempre só fez rir, e dizer que eu era uma boba e não entendia nada”.

Este traço pode ser observado no seu modo de se vestir, de suas vestes livres dentro de sua residência, escandalizando ao povo retrógrado

que ali vivia. Sempre a alma da festa, Maria Corina se envolve facilmente com tudo e todos.

Esse comportamento livre e espontâneo de Maria Corina desperta o ciúme no aparentemente imperturbável marido, o temível coronel Oceano.

Há um conflito dentro do Oceano causado pela dúvida entre preservar aquilo que ele ama, e que também ele julga ser o motivo da desmoralização do seu nome, ou eliminar a causa dessa desmoralização, preservando a boa reputação e o respeito que deve cercar o seu nome. (BARROSO, 1981, p. 508)

## **2.2. Carmosina:**

Babá de Maria Corina, negra, conhece a menina desde o parto, vigiando-a e acompanhando-a por toda a sua vida. É a primeira personagem ao perceber a verdadeira personalidade de Oceano e perceber que essa poderia ser a ruína de sua florzinha, a tendo alertado desde o inicial de seu relacionamento.

Segundo Maria Alice Barroso (1981):

– Eu sempre disse pra minha florzinha: siô Oceano traz a tempestade dentro dele, não vá se fiando naquela fala mansa, naquele jeito distraído de quem ainda não acordou, no fundo ele não perde nada, principalmente quando se trata docê. (BARROSO, 1981, p. 19)

## **2.3. Dona Paula**

Mãe de Oceano, Pacífico, Indinho, Dorotéia, Maria Piá, Luísa, esposa de Heleno. Foi raptada pelo primeiro marido aos 13 anos, depois ter sido observada tomando banho e brincando nas águas do rio. Personalidade forte e reservada, é a voz da razão para os filhos. Ao longo da narrativa de sua história percebe que apanhou muito de seu primeiro marido, vestida de luto eterno após a morte do mesmo não por amor, mas pelo respeito que diz possuir pela pessoa pai de seus filhos e grande nome de Parada de Deus.

Segundo Maria Alice Barroso (1981):

Ela jamais gostou do pai, seu ódio por ele era tão grande que, mesmo com toda a sua capacidade de fingir, ela não conseguia esconder esse ódio, e só o que a freava era o respeito que ele impunha. Era uma coisa que me agradava ver: o medo que o pai metia nela. (BARROSO, 1981, p. 174)

Casa-se uma segunda vez com o capitão, mesmo contra a vontade de seus filhos. Tem ciúmes da amizade do Comandante com Maria Corina, principalmente após o episódio que a foto de Maria Corina cai da carteira deste.

Segundo Maria Alice Barroso (1981):

Acho que só uma pessoa pode salvar D. Maria Corina, mas essa não vai mexer um dedinho pela nora: é que D. Paula acha que também foi D. Maria Corina quem botou a perder o casamento dela com o comandante... (BARROSO, 1981, p. 365)

Paula Moura Alves desde o começo do relacionamento de Oceano estranha e repudia o comportamento de Maria Corina, pelo modo recatado e tradicionalista pelo o qual foi criada e criou os seus filhos.

#### **2.4. Dorotéia**

Filha mais velha de Dona Paula e irmã de Oceano, não se dá bem com a mãe sendo apegada e amiga do pai. Não aceita o comportamento da cunhada.

#### **2.5. Maria Pia**

Conhecida como a filha “doentinha”, sempre presa dentro de um quarto não estando a vista das demais pessoas. É descrita pelo capitão como:

(...) a Pia, como todos a chamam, ou ainda a “doentinha”, nome carinhoso que o pai lhe dava: é uma louca mansa, embora arreganhe os dentes, como faria animal desconfiado, quando surge alguém que ela não conhece em seu quarto [...] (BARROSO, 1981, p. 287)

#### **2.6. Luísa**

Também filha de Dona Paula, sua principal característica é ser amante de cavalos, tal traço é apontado sempre que se fala em Luísa, segundo Maria Alice Barroso (1981):

[...] quanto a Luísa, é metade humana metade equina: vive engachada em cima de um cavalo, Paula passa dias e dias sem botar os olhos na filha, que vive mais em Santo André [...] tomando conta de sua criação ou caçando e pescando, como um homem, do que qualquer outra coisa.” (BARROSO, 1981, p.314)

**3. “O Globo da Morte: Divino das Flores” e os inimigos políticos dos Moura Alves**

Publicado em 1981, o romance “O Globo da Morte: Divino das Flores” traz a história dos inimigos políticos dos Moura Alves, os Caetano de Melo. A história se passa no distrito de Parada de Deus chamado Divino das Flores.

A narrativa gira em torno da chegada do Grão-Circo Parlagrecco à cidade de Parada de Deus, entretanto, por conta do motociclista do globo da morte Hans, o circo foi expulso da cidade, pois ele despertou um interesse na mulher do prefeito da cidade, Honório Tritão, e deixou o homem com ciúmes. O circo, após a expulsão, se instala em Divino das Flores, e deixa a cidade em alvoroço e festa.

A narrativa do livro não tem seu foco nas mulheres, mas a trama central é causada por elas: o mesmo motociclista, Hans, começa a se envolver com algumas mulheres casadas e na noite após a estreia do circo ele aparece morto, sangrando e dependurado no globo da morte. Ademais, a investigação não tem uma conclusão muito clara acerca do assassino, mas estimou-se que o causador da morte fora um dos maridos traídos, e assim coloca a atenção no mágico Zeno, especulando que ele fizera hipnose em um urso e em um homem, o Seu Frates, e estes fizeram o serviço sem que ele ao menos “sujasse” suas mãos com o defunto.

Após o ocorrido, o circo vai embora para Campos, em busca de uma turnê que fizesse sucesso para tentar reparar alguns danos e ele acaba levando algumas pessoas da cidade consigo.

Apesar de não estar centrado nas mulheres, o romance possui algumas personagens que valem a pena ser mencionadas.

**3.1. Erna Parlagrecco**

Erna Parlagrecco era uma mulher de origem húngara, cujas carnes eram brancas e gordas (Cf. BARROSO, 1981), também tinha cabelos loiros e cacheados, rosto balofo e geralmente pintado com violência, olhos esbugalhados, lábio inferior grosso, boca voraz com dentes pontiagudos, covinha no queixo, cujo odor era de água de colônia e cheiro de pelo de animal não lavado (característica que permitia que ela fosse reconhecida mesmo que estivesse distante) e ela sempre usava um vestido roxo avuladado, justo no corpo, comprido e amplo de decote, o que fazia com que

seu peito volumoso ficasse à mostra.

A mulher era a domadora de cães do circo e, apesar de ser considerada boa artista, espancava e maltratava os animais sem nenhuma piedade. Esse trabalho favorecia sua personalidade ríspido e grosseira, uma vez que ela gostava de gritar e de dar ordens.

Ela era esposa de Beniamino Parlagrecco (o dono do circo), Homem que frequentemente batia, assim como fazia com seus animais, e preferia fazê-lo quando o homem estava bêbado (Cf. BARROSO, 1981). Apesar de casada, ela mantinha um relacionamento amoroso com Adão, o português, que era o levantador de pesos do circo.

Ela tivera três filhos em seu casamento: Bruno, Cristóforo e Lina, que eram conhecidos como “Parlagrecco Voadores”, entretanto, estes não se comportavam como filhos de Erna (Cf. BARROSO, 1981).

### **3.2. Lina Parlagrecco**

Lina Parlagrecco, a moça italiana, filha de Erna e Beniamino Parlagrecco, tinha pele branca, alva e macia, uma “beleza que começava a suavizar os traços de seu rosto, recém-saído da adolescência” (BARROSO, 1981, p. 41), além de ter um andar de bailarina, ser delicada e sorridente (o que era o oposto da mãe), ela tinha uma “voz menina” (BARROSO, 1981, p. 101) e cheiro de leite de flores.

Ela era a principal trapezista do circo – e era considerada a trapezista mais famosa da Europa (Cf. BARROSO, 1981) – e se destacava dos outros artistas, pois mantinha a correção e a ousadia de seu trabalho. A moça tinha “uma misteriosa propriedade que a mantinha no ar, embora sem asas” (BARROSO, 1981, p. 22) e era chamada de “moça-pássaro”.

Em um ensaio do circo, ela conhece Zé Pedro Caetano de Melo, e este se apaixona de imediato por ela. A paixão dele pela moça o faz repensar em sua aparência e em seu jeito de ser. E, embora a moça também nutrisse sentimentos por ele, ela recusara os pedidos de casamento, pois não se via levando uma vida como a dele, no campo, e quando o circo vai embora, ela se vai, partindo ambos os corações.

### **3.3. Zoraida**

Zoraida, uma mulher morena, de cabelos negros e ondulados, ti-



nha uma cicatriz de navalha que cruzava seu rosto e um dente de ouro que “lhe custará uma noite com um coronel usineiro que fedia a bode velho” (BARROSO, 1981, p. 72) – por essa razão, pode-se supor que a mulher realizava trabalhos como prostituta.

Ela era a mulher do mágico e hipnotizador Zeno, e esse relacionamento durava cerca de onze anos. Ambos se conheceram em um “circo mambembe em Maceió” (BARROSO, 1981, p. 72), e a mulher já era assistente de um outro mágico, o qual ela apenas o ajudava, entregando seus equipamentos de trabalho. Zeno se aproximou dela, oferecendo um emprego e um bom salário, o qual ela aceitou: ela realizaria o número da “Dança das Facas”, o qual o mágico lançava facas em uma espécie de tábua que ficava atrás da moça, contornando seu corpo com elas. O mágico já tentara hipnotizá-la, mas nunca conseguira, considerando-a impenetrável.

Zoraida, todavia, mantinha relações sexuais com o motociclista Hans

[...] o que me deixou louca foi sentir o pau dele dentro de mim, beijar aquela boca vermelha, ah, tudo foi tão bom que eu não sei como não fiz um escândalo na hora de gozar, foi preciso que o Hans tapasse a minha boca com a mão pra mim não fazer um bruto escândalo... (BARROSO, 1981, p. 135)

e era profundamente apaixonada pelo homem, considerando-o seu tudo (Cf. BARROSO, 1981).

Esse relacionamento (supostamente) ocasionara a morte de Hans, por conta da desconfiança de Zeno. A mulher, sobretudo, nunca escondeu ou mentira sobre o que sentia pelo motociclista.

### **3.4. Aíá**

Aíá, mulher morena, de cabelos pretos, lábios grossos, carnudos e escuros:

[...] era uma bela mulher, quando caminhava tudo nela ondulava, como o mar, quando as ondas vêm e vão, iguais aos compassos de uma valsa [...] parecia uma verdadeira índia saída do mato. (BARROSO, 1981, p. 81) (adaptado)

Ela mantinha um andar mole e arrastado, em suas chinelas de liga, como uma pessoa esmorecida na vida. Era uma mulher de comportamento estranho (comumente comia com as mãos, tomava banho apenas uma

vez por semana e nunca calçava sapatos) (Cf. BARROSO, 1981) e geralmente estava calada e sempre preferia silenciar-se, mesmo que isso a entristecesse.

Seu sonho era fugir para a cidade, principalmente o Rio, com um homem que ela amaria assim que o visse.

Ao contrário de seu sonho, ela acabou se casando com Venâncio, o guarda-freios do trem, que lhe pedira pedirá casamento enquanto a moça olhava para a cachoeira (seu lugar de refúgio) (Cf. BARROSO, 1981). Ele a pediu em casamento umas semanas depois de conhecê-la, antes mesmo de trocar quaisquer palavras com ela, e Aíá aceitou, como se se conformasse que, talvez, não encontrasse outra pessoa ou como se não tivesse nada melhor para fazer, uma vez que se arrependeu de ter se casado.

Ela tinha três filhos, entretanto fingia que era uma desconhecida, como se nada que tivesse ao seu redor a pertencesse, como uma mera estranha: “gostava mesmo de imaginar que não tinha filhos nem marido e que aquela casa não era sua, que estava ali só de passagem e que quando levantasse da cama, seria para mudar a roupa e ir embora de vez” (BARROSO, 1981, p. 37).

A moça também se envolvera romanticamente com o motociclista Hans. Certa vez, indo procurá-lo no circo, acabou cruzando seu caminho com D. Olga, o que lhe resultou um trabalho como auxiliar de costura dos trajes para os espetáculos do circo.

### **3.5. Mindinha**

Mindinha podia ser considerada “o personagem mais bizarro de Divino das Flores” (BARROSO, 1981, p. 26), pois, apesar de ter entre vinte e um e vinte e quatro anos, possuía baixa estatura (cerca de um metro e vinte de altura), não era propriamente uma anã: era apenas uma mulher que não crescera, provavelmente por problemas de desenvolvimento. Uma miniatura de mulher.

Ela tinha um rosto empoado e com traços finos, os lábios em forma de coração e o cabelo liso e resplandecente; e mesmo que possuísse uma voz delicada e fina, a mantinha firme.

Era assinante e leitora das revistas “O Tico-tico”, “O Malho” e “Eu sei de tudo”. Também era fã de Greta Garbo e tocava bandolim.

Mindinha era filha de um barão (um homem que se casara idoso e passara a maior parte da vida de sua filha doente) e da figura de D. Elvira Fatia-da-Rainha (conhecida assim por causa dos doces que fazia, e esta jamais negava os desejos da filha).

Talvez uma característica inusitada da moça, além de sua baixa estatura, seja sua corte de sapos amestrados:

Mindinha correrá para o quintal, para o Castelo d'If e o laguinho artificial armado por Hermetão; ainda não estalara os dedos e já os sapatos tinham começado a coaxar, os papos inchados, decepcionando a “castelã” como ela própria gostava de se chamar. Mindinha trazia a seu bandolim, que ela aprendera a tocar com dona Aída, a mulher de seu Frates, o farmacêutico: ultimamente dera na cabeça de acompanhar o coaxar dos sapos com seu instrumento, fazendo um vibrato com a palheta nas cordas. (BARROSO, 1981, p. 51)

Com a chegada do circo na cidade, Mindinha conhece Ralph, o parceiro do motociclista Hans no globo da morte, e ela começa a gostar dele. Como ele é alemão e mal fala português, a comunicação entre eles é bem complicada, se resumindo apenas a longos momentos silenciosos ou à comunicação de sinais.

Quando o circo partiu, Mindinha foi junto e ela tinha um número planejado: equilibrismo em cima de uma bola (Cf. BARROSO, 1981), e sua mãe “foi retirada do local em prantos, gritando pela filha, que ninguém nunca mais botou os olhos em Divino das Flores” (BARROSO, 1981, p. 260).

### **3.6. Assunta Perácio**

Assunta Perácio era uma italiana grande, com mãos grandes, corpo rijo, ossudo e quadrado, nariz comprido e cabelos ondulados e negros. Era uma “moça feia, desengonçada como uma locomotiva fora dos trilhos” (BARROSO, 1981, p. 56), e, ainda assim, conseguia atrair os homens por onde ela passava, o que deixava seu marido, Giovanni, enfurecido.

Ela trabalhava com seu marido em uma ferraria, ajudando-o, uma vez que tinha força equivalente a dele. Eles sempre brigavam e caíam no tapa (BARROSO, 1981, p. 57) e ambos bebiam muito vinho todos os dias.

Assunta era “valente no trabalho como um homem e que fora cri-

ada tratando de cavalos, na cocheira de seu pai, também executando serviços de homem” (BARROSO, 1981, p. 55). Seu marido se envolvera com ela apenas pela ajuda que ela daria na ferraria e ele sempre achara o rosto dela feio.

Quando o circo chegou, ela se sentiu atraída pelo motociclista Hans, e, a partir daí, começou a embebedar seu marido para encontrar-se com ele próximo à ferraria.

#### **4. A morte do presidente ou A amiga de mamãe e o fim do “Ciclo Parada de Deus”**

Maria Alice Barroso escolhe o dia da morte do presidente Getúlio Vargas para também dar fim à vida do seu personagem mais ilustre, o capitão Oceano de Moura Alves, o chefe político de Parada de Deus durante muitos anos.

Embora as personagens masculinas sejam destaque em quase todos os textos do ciclo, analisaremos as mulheres do romance supra citado. Cada uma delas, à sua maneira, conduzem a narrativa barrosiana juntamente com a autora.

##### **4.1. Lygia Procópio Monteiro**

Branca, casou-se com o professor Antônio Carlos Rodrigues Arzão, um “mulato” de classe média (apesar de não assinar seu nome) com quem teve uma filha, Aninha. Por conta dessa “diferença”, ela se achava superior a ele e tinha um desejo de se mudar para o Rio de Janeiro, para onde sempre viajava. Era alta, super entusiasmada e “dona de seu próprio nariz”. Tinha um sonho de ser política e por ser a primeira família ter televisão em Parada de Deus, deixou de ser getulista para acompanhar Carlos Lacerda, pois criou uma grande paixão por seus programas. Lançou a candidatura à Deputada Estadual com ajuda de sua amiga Leda, com quem sofreu um acidente na serra fluminense tendo traumatismo craniano e alguns problemas mais.

Segundo Barroso em *A Morte do Presidente ou A Amiga de Mamãe*:

Agora ela própria se perguntava o que estava fazendo ali, naquele carro, pouco enxergando o que havia à sua frente, longe de sua filha (que era a pessoa que mais amava no mundo), e devia reconhecer que até mesmo do

marido sentia falta (embora não tivesse certeza se ainda o amava como no começo do casamento) [...] (BARROSO, 1994, p. 193)

#### **4.2. Aninha.**

Filha de Lygia e Antônio. Admirava a mãe e ao mesmo tempo sentia medo, pois a mesma passava por cima do marido. Amava Parada de Deus e lutava para não sair de lá, apesar das vontades da mãe. Super autêntica, era magrinha, tinha sardas, nem branca nem escura, exercia liderança nas brincadeiras, aceitava “qualquer” um em seu grupo. Via vultos e pressentia que algo aconteceria na viagem do acidente. Reprovava a “Amiga de Mamã”.

Como destaca Barroso (1994) em seu romance

Mas apesar da fragilidade do corpo, daquela leveza que parecia impulsivá-la de tal forma nas corridas, colocando-a sempre à frente dos companheiros, ela não só comandava o seu grupo como também as demais crianças que, às vezes, se uniam ao grupo - isto é, admissão que somente ocorria após a indispensável permissão de Aninha. (BARROSO, 1994, p. 51-2)

#### **4.3. Inês Procópio Monteiro**

Irmã de Lygia e apaixonada pela sobrinha Aninha. Perdeu a visão aos poucos durante a vida, por isso, comia na cozinha e sentava à mesa para participar da conversa. Gostava de agradar o cunhado e percebia as coisas com muita facilidade.

Assim descreve Barroso (1994):

[...] Nos momentos que se preparava para enfrentar os outros, já que não podia recorrer ao espelho para ver a própria imagem (desde os dez anos fora perdendo progressivamente a visão devido a uma violenta queda de cavalo), procurava imaginar-se como deveria parecer aos olhos alheios e aí, quase que de modo inconsciente, sua boca de lábios grossos tentava abrir num sorriso, parecendo pedir a condescendência daqueles que podiam vê-la. (BARROSO, 1994, p. 18)

#### **4.4. Leda Barreto de Freitas**

A “Amiga de Mamã”, “Mulherona grande”, olhos verdes, observadora, professora de educação física, fazia programas na Rádio Ministério da Saúde, apresenta programa infantil, na TV Tupi, fisioterapeuta,

pedagoga, redatora, locutora, trabalhou na Embaixada Brasileira na Bélgica. Não tinha família e tinha esperança de ter um lar, então tentava levar família de Lygia para o Rio. Não passava confiança e muitos não gostavam dela, pelo jeito intrometida. Fundou Clube da Lanterna em Parada de Deus, para promover a candidatura de Carlos Lacerda. Faleceu no acidente que sofrera com sua amiga.

Segundo Barroso (1994),

As constantes vindas de Leda de Freitas (a amiga de mamãe) a Parada de Deus conseguiram irritar não apenas Aninha, mas também sua tia Inês, que, naquela altura, já não alimentava mais dúvidas quanto às intenções da “radialista” – como costumava chamá-la – em relação a seu cunhado. (BARROSO, 1994, p.112)

#### **4.5. Stella**

Tornou-se Jayme. Seu pai pediu que assumisse a personalidade de seu irmão – que morreu afogado –, tendo que vestir, falar e se portar como um jovem. Cortou cabelo, sofria com as zoações na escola e só seguava a barra porque Aninha comprava as brigas e a ajudava se defender.

Como assinala Barroso (1994)

[...] Aquela aparente mudança de sexo colocara a menina à mercê da ironia dos colegas, e talvez ela não tivesse suportado tudo isso da maneira imperturbável como procedera não fosse o apoio de Aninha; quando, na escola, se formara uma roda para debochar das calças compridas da menina, Aninha se pusera na frente da amiga e gritara. (BARROSO, 1994, p. 52)

### **5. Considerações finais**

A escolha pelos perfis femininos de um ciclo de romances no qual a figura masculina e patriarcal é tão forte foi especialmente escolhido a fim de mostrar o perfil submisso e também o inverso desse comportamento de algumas mulheres que, apesar de estarem sujeitas a vontades de pais e maridos, os olhares enviesados da sociedade das cidades interioranas, não se curvam a despeito da própria autora.

Pudemos constatar que, além do desvelamento das relações de poder, os conflitos que surgem daí, o que parece brotar do texto é a força da escrita feminina, ou mesmo a dimensão histórica da escrita a qual

guarda sempre uma dimensão intencional, comprometida com o espaço regional como atesta a própria Maria Alice:

O romancista que envereda pelo gênero histórico-político certamente contrará com a hostilidade dos guardiães oficiais da História, mas aos leitores agrada este acesso, menos intimidativo, como ponte para o passado. Espero que os leitores deste romance, ao travarem conhecimento com as figuras que se destacaram na comunidade de Parada de Deus, consigam formar um conceito do que somos nós – brasileiros- , com nossos gostos e desgostos. Não se trata de desenhar um perfil patriótico, mas aquele que corresponda mais exatamente à nossa maneira de ser. Acredito que toda ficção é um espécie de história escrita: e a Casa da História tem muitas moradas. (BARROSO, prólogo do livro *A Morte do Presidente*, 1994)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Maria Alice. *Um nome para matar*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. *O Globo da morte: Divino das Flores*, Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. *A morte do presidente ou A amiga de mamãe*, Rio de Janeiro: Record, 1994.

SCHMIDT, Ana Lúcia Lima da Costa (Org). *Maria Alice Barroso, um nome para lembrar: a identidade regional de uma autora nacional*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

WANDERLEY, Marcia Cavendish. *Mulheres – prosa de ficção no Brasil 1964-2010*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.